

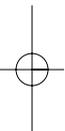
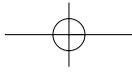
Os dias do

Amor

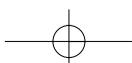
*Um poema
para cada dia do ano*

*Recolha, selecção e organização de Inês Ramos
Prefácio de Henrique Manuel Bento Fialho*





*Procurou obter-se, junto dos detentores dos direitos de autor, a necessária autorização para a reprodução dos poemas seleccionados e reunidos nesta antologia.
De qualquer forma, aqui se declara que a Ministério dos Livros fica inteiramente disponível para tomar em consideração qualquer caso que se revele omissos.*



Prefácio

A Verdade do Ser

*At times, indeed, almost ridiculous –
Almost, at times, the Fool.*

T. S. Eliot

Ridículo é quase sempre o termo maior. Mesmo quando cortamos as unhas à morte com poemas, ridículo é o termo maior. Não há volta a dar-lhe. Mas eu julgo que sei alguma coisa sobre catástrofes. Nada que se aprenda nos livros. Talvez nas salas bafiantas dos tribunais, talvez no giz dos quadros, talvez no talvez com que todos os criminosos, os poetas, iniciam as suas dissertações. Ouvi dizer de valas comuns, orgias de mortos, genocídios, infanticídios, suicídios, *cídios* com cabeça tronco e membros. Li isso nos jornais e tenho visto um pouco disso todos os dias nas ruas das aldeias, das vilas e das cidades. Mas também sei que são mais os jornais do que os crimes. Reparemos: os pássaros ainda cantam a catástrofe dos nossos dias, o mar continua invariável e impertinentemente a comer-nos o corpo, a crescer sobre si próprio, as árvores não deixaram de dar frutos, a lua tem fases e o sol nasce todas as manhãs. Depois há os vulcões, os poemas, esses bonitos espectáculos de serem vistos, tal como os fogos nas palmas das mãos dos bombeiros. Ridículo é quase sempre o termo maior, porque todas as cartas de amor são, sem dúvida, ridículas. Muito mais os prefácios de amor, os prefácios às cartas de amor.

Defendo-me abrindo uma excepção. Apenas não são ridículos, os prefácios às cartas de amor, quando o sujeito somos nós, quando o sujeito é um *nós* nascido algures num tempo sem data, quiçá o tempo de Salomão, prolongado até à juventude dos nossos dias. Trezentas e sessenta e cinco vozes para um só nome, um só nome reunido num *nós* que justifica o texto, o amor. Nestes casos excepcionais o predicado varia. Louco é bem mais congruente, o louco de que falava Barthes nos *Fragmentos de um discurso amoroso* (não o louco despersonalizado, mas o louco tornado um *sujeito*). Porque por amor enlouquecem os amantes, por amor se suicidam e matam, por amor o ciúme, por amor o ódio, por amor tudo isso que se põe num poema, por amor *eu* não poder ser um *outro*, por amor a confusão gerada pela fusão, tudo isso num verso de Camões, «amor é ferida que dói e não se sente», por amor o sacrifício, a entrega mística e a obstinação carnal, ou a entrega da carne e a obstinação mística, por amor os duelos reparados pela conciliação, por amor os territórios transfronteiriços, a abolição das fronteiras, o fim das dicotomias, por amor a paixão, por amor a morte, tudo isso num poema.

Há uma frase que não posso deixar de aqui recordar: «Na origem da beleza está unicamente a ferida, singular, diferente para cada qual, escondida ou visível, que todos os homens guardam dentro de si, preservada, e onde se refugiam ao

pretenderem trocar o mundo por uma solidão temporária mas profunda» (Jean Genet). Esta frase marcou-me muito, marcou-me tanto que a pensava definitivamente perdida ou roubada pelo inconsciente. Estava enganado. Ninguém nos rouba uma frase marcante, as frases marcantes não estão nos livros, nos livros estão apenas frases, o que as torna marcantes está em nós e ninguém pode roubar o que está em nós. Nem o tempo, que tudo disfarça sob o manto letárgico do esquecimento, nem a morte, que apenas nos encerra definitivamente nas feridas que sempre transportámos connosco.

Penso agora num poema de Luís Pignatelli, um poema também ele simples que começa com a mais complicada de todas as perguntas: *Que sabemos nós das dores de cada um?* Talvez exista apenas uma outra pergunta tão complicada: Que sabemos nós das nossas próprias dores? Essas dores, essas feridas, nós aprendemos a suturá-las, a sará-las com tudo aquilo que nos distraia delas. Escrevemos poemas, fazemos canções, passeamos na praia, fazemos amor, criamos filhos, vamos ao cinema, transformamo-nos em personagens das nossas próprias ficções. Mas as feridas não são ficcionáveis, elas são reais e indizíveis, não são algo que se possa fingir como fingem os poetas, elas podem ser suturadas mas haverá sempre algo ou alguém a lembrar-nos, aqui e acolá, de que elas continuam a sangrar como eternamente sangrou o fígado do Prometeu agrilhado.

Lembram-me disso os presentes, mas também Daniel Filipe e a sua invenção do amor, Alexandre O'Neill despedindo-se de Nora Mitrani, esse maior que todos os poemas de amor que é o livro *A Margem da Alegria*, de Ruy Belo, etc., etc., etc.. Recordo-os por não precisar de autorização para os recordar, para os amar. E penso que talvez os abutres da história de Prometeu sejam hoje aqueles que nos vêm ler as feridas, assim como nós lemos as feridas dos outros. Talvez os abutres sejam os poetas que, com seus poemas, nos lêem as feridas impedindo que o coração deixe de sangrar. Ainda bem, pois dessas tragédias se faz a nossa própria história. Esta é, definitivamente, a mais antiga e eterna tragédia da existência humana: na origem da beleza está somente a ferida, a ferida que não se rouba tanto quanto se lembra sempre que alguém faz dançar *a verdade do ser*, pois «no fundo, nada é ilusório na verdade do amor: para o ser que ama, e ainda que (o que pouco importa) só para ele, o ser amado equivale à verdade do ser» (Georges Bataille). Roubamos frases, roubamos livros, roubamos ideias. Não roubamos feridas. O mais que podemos fazer, e por isso ficarmos eternamente gratos, é partilhar o pouco delas que o talento nos permita revelar e os olhos puros de alguém consigam ver. A esse gesto de partilha e de generosidade, a esse sim, a esse eu não me importo de chamar amor.

Caldas da Rainha, 20 de Novembro de 2008

HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

Nota de abertura

Muito me gratificaria reunir num único volume os mais belos poemas de amor de todo o mundo. Essa será, talvez, tarefa impossível. Todavia, empenhei-me em vos apresentar os mais belos poemas de amor que consegui recolher no limite de tempo que me foi concedido. Recolha esta que resultou num conjunto de 365 poemas de 365 poetas diferentes, sendo Fernando Pessoa o único autor com mais do que um poema, uma vez que incluí um poema por cada heterónimo.

No que toca à Poesia em Língua Portuguesa, esta antologia goza de satisfatória contemporaneidade, pois inclui um número significativo de autores vivos, o que só foi possível graças à generosidade dos poetas que gostaram do projecto e a ele aderiram. Recebi poemas de Norte a Sul de Portugal. E do Brasil.

No que diz respeito a alguns autores falecidos nas últimas décadas, não me foi possível representá-los aqui, uma vez que as suas obras ainda não caíram em domínio público. Faltam, portanto, todos os que aqui não estão!

Quanto aos autores peninsulares medievais e clássicos, como foi necessário consultar diferentes antologias, foram respeitadas as grafias de cada livro, já que me deparei com diferentes critérios por parte dos antologiadores.

No respeitante aos autores contemporâneos, congratulo-me pela quantidade de poemas inéditos (74) que me chegaram dos poetas, alguns escritos propositamente para esta antologia.

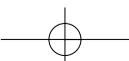
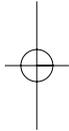
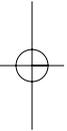
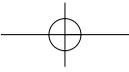
Para além dos autores de renome, decidi, também, dar a conhecer alguns autores menos conhecidos e até outros que nunca publicaram, já que, por não ser fácil editar poesia, muitos continuam a escrever para a gaveta (ou para o blogue). Alguns desses poemas, na minha opinião, merecem ser lidos por todos vós.

Não segui “correntes”, nem estilos, nem tendências, apenas pretendi reunir poemas com a temática do amor, numa proposta o mais diversificada possível, desde a antiguidade até aos dias de hoje.

Com a nota final do quão gratificante foi, para mim, realizar este trabalho, aqui vos deixo um poema de amor para cada dia do ano.

Lisboa, Dezembro de 2008

INÊS RAMOS



SALOMÃO
Séc. X a. C.
Israel

Cântico dos Cânticos

(excerto)

IV

Como és bela minha amiga
como és bela
teus olhos quase pombas

por trás do véu
Teus cabelos feito um bando de cabras negras
debandando pela montanha de Galaad

Teus dentes feito um bando de ovelhas brancas
que vêm saindo do lavadouro
Aos pares como gémeos
e nenhum cordeiro a menos

Feito um fio escarlata teus lábios
e tua boca beleza pura
Feito metades de romã
tuas faces por trás do véu

Feito a torre de David teu pescoço
construída pelas altivas seteiras
Centenas de escudos pendentes de seu topo
todas as aljavas dos valentes

Teus dois peitos como dois filhotes
gémeos de uma corça
Que vão pastando entre rosas

Antes que assopre o dia
e se afugentem as sombras
Terei ido para a montanha de mirra
e para a colina do incenso

Tu és toda graça minha amada
e nenhuma jaça em ti

Comigo do Líbano esposa
Comigo do Líbano virás

Tradução de Haroldo de Campos

SAFO
Séc. VII a. C.
Grécia

Igual aos deuses me parece
quem a teu lado vai sentar-se,
quem saboreia a tua voz
mais as delícias desse riso

que me derrete o coração
e o faz bater sobre os meus lábios.
Assim que vejo esse teu rosto,
quebra-se logo a minha voz,

seca-me a língua entre os dentes,
corre-me um fogo sob a pele,
ficam-me surdos os ouvidos
e os olhos cegos de repente.

Torna-se líquido o meu corpo:
transpiro e tremo ao mesmo tempo.
Vejo-me verde: mais que a erva.
Só por acaso é que não morro.

Tradução de David Mourão-Ferreira

BÍON
Séc. III a. C.
Grécia

Deixa-me ainda, amor, debruçar-me em teu rosto,
para ver se te acordo ao menos um instante;
e, ao cingir num abraço o teu corpo já morto,
ver se voltas a ser o meu jovem amante...

Dá-me só mais um beijo, o último de todos
– mas que seja igualmente o beijo mais perfeito! –
para que a tua alma, exilada do corpo,
eu a possa guardar no fundo do meu peito...

Hei-de beber-te assim a vida que te resta,
julgar que inda conservo o que afinal perdi,
enquanto noutro reino, entre sombras funestas,
um implacável deus me separa de ti.

Agora não duvido: esse deus é mais forte,
pois tudo quanto é belo acaba à sua sombra.
Porque sou imortal? Porque não vem a morte
arrastar-me também para onde te encontras?

PROPÉRCIO
Séc. I a. C.
Roma

A Cíntia

Agora sei como é terrível
a solidão das longas noites,
ouvindo só nos meus ouvidos
das próprias queixas o rumor.

Feliz aquele a quem consentem
chorar ao pé da sua amiga,
pois o Amor é complacente
perante as lágrimas vertidas.

Feliz o amante desdenhado
que vai em busca de outro fogo:
inda que volte a ser escravo
só por mudar teve consolo.

Mas eu a mais ninguém me dou.
Só este laço é que eu aceito:
foi Cíntia o meu primeiro amor,
Cíntia será o derradeiro!

Tradução de David Mourão-Ferreira

GAIO VALÉRIO CATULO
84-54 a. C.
Roma

Vivamos, minha Lésbia, e nos amemos.
Sem que o que digam murmurantes velhos
Importe para nós mais que uma palha.
Podem morrer e renascer os sóis.
A nós, quando se apaga a breve luz,
Noite é perpétua que dormir havemos.
Oh dá-me beijos mil, depois um cento,
Depois mais outros mil, e um outro cento.
Depois ainda outros mil, e mais um cento.
Depois, quando os milhar's forem já muitos,
Erraremos a conta, a não saibamos,
Para que a inveja não nos olhe mal,
Sabendo quanto foi de beijos dado.

DÉCIMO MAGNO AUSÓNIO

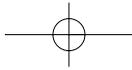
310-395

Gália

A Sua Mulher

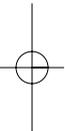
Amor, vivamos como sempre, não esqueçamos
os doces nomes ditos na primeira noite,
e nunca venha o dia que nos veja velhos:
eu sempre o jovem teu, e tu a minha noiva.
Que mais do que Nestor provento eu seja em anos,
e tu na idade venças a senil Sibila.
De tão extrema velhice ignoraremos tudo:
menos as ciências dela no escapar do tempo.

Tradução de Jorge de Sena

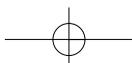


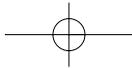
ANÓNIMO
Séc. IV a X
Índia

Delícia é possui-la, que é tão bela,
e me ama tanto, e ter-me quer por seu.
No peito guardo viva a imagem dela:
dar-me-iam rezas e jejuns tal céu?



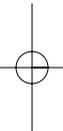
Tradução de Jorge de Sena



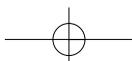


TCHANG CHOUAI
475-527
China

Longos pensamentos de amor,
Separação que se prolonga,
A ausência do amado parece a chuva que pára.
Alguém só, espera, de pé,
Coração apertado.
Vê uma nuvem, que foge ao longe,
Um pássaro, que voa e desaparece.
E é sempre a mesma espera em vão;
As lágrimas perlam, inesgotáveis.



Tradução inédita (do francês) de Inês Ramos e Myriam Jubilot de Carvalho



TRADIÇÃO ORAL

Séc. VII

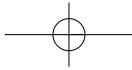
Arábia

Eu amo-te, oh minha Laylá, eu teimo em te amar,
A ti que, ou perto ou longe, só pensas em me fugir!
Eu amo-te, oh minha Laylá, e o mais pequeno suspiro
Deste amor, colhido no vento, respirado,
À alma dos peregrinos arrancaria lágrimas.
Sim, a ela me queixo, às escondidas, em segredo,
Deste desejo; muito baixo, falo-lhe da pressão
Deste violento amor. Se tenho que a deixar,
Surda à minha lástima, então queixo-me ao Senhor.
Que tenho eu a ganhar, se eu a vir muito perto? Prantos.
Apaixonado, achincalhado, que horror!, se perto ela estiver.

Oh, o seu olhar sobre mim! Fala-me, surpreende-me,
Silenciosa troca, nos meus olhos a resposta.
“Voltamos a ver-nos”: os seus olhos, dilatados, anunciam,
Depois, nos mesmos olhos, é a morte quem me espera.
Eu temo, eu desespero e morro; e sob a esperança
Eu renasço. Quantas vezes, morto, já ressuscitei!
Eles andam por aí, a toda a volta, todos, homens, *djinns*, tanto pior
Se acreditarem que vão reter-me longe de ti: Pois eu aqui estou!

Tradução inédita (do francês), por Myriam Jubilot de Carvalho, de dois excertos de "Majnûn - L'amour poème"

N. T.: Majnûn é uma lenda árabe pré-islâmica, que canta um amor contrariado e impossível, pelo que os nomes dos amantes têm um duplo sentido: além de serem os seus nomes, Majnûn significa Louco, e Laylá significa Noite.

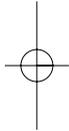
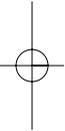


IMPERATRIZ YAMATOHIMA

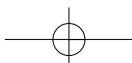
Séc. VII

Japão

Talvez os outros
Possam esquecer-te.
Todas as noites
Sou possuída —
O teu belo fantasma.



Tradução inédita de Casimiro de Brito



KAKINOMOTO NO HITOMARO

665-710

Japão

As folhas coloridas
Apagaram os caminhos
Da montanha no Outono.
Como encontrar-te
Por trilhos que não conheço?

Teus cabelos embranqueceram
Enquanto os nossos corações
Se mantiveram unidos.
Acaso poderei
Perder-te agora?

Quando abandonada
No túmulo te deixei
Vim pelo caminho deslizando
Como se um morto
Andar pudesse.

Outono. Caem folhas
Coloridas na montanha.
Talvez se as pudesse
Na árvore segurar
Amor voltasses ainda.

Chego a casa e
Sento-me no quarto
Junto à nossa cama
Contemplando com tristeza
O teu travesseiro.

DAMA KASA
Séc. VIII
Japão

Sonhei com uma espada

Sonhei com uma espada
no meu corpo. Como interpretar
este sonho?

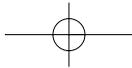
Em breve
estarás comigo.

Tradução inédita de Casimiro de Brito

LI BAI
701-762
China

Separados e distantes

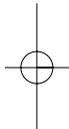
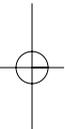
Há quantas Primaveras estamos separados?
Da janela de jade vi, cinco vezes,
desabrochar as cerejeiras,
Eu sei, há as cartas de escrita rendilhada
que, ao abrir, te fazem suspirar,
teu coração quase pára de bater, quanta saudade!
Já não uso o toucado de nuvens,
não penteio meus cabelos,
não mais os deixo cair sobre a testa.
Minha tristeza é uma pena levada pelo vento,
um floco de neve rodopiando no ar.
O ano passado escrevi-te para a montanha dos Sete Socalcos,
falei de tudo isto
e agora, por favor, escuta outra vez minhas palavras.
Oh, vento leste, sopra para mim,
empurra para oeste a nuvem suspensa no ar!
Há quanto tempo aguardo o teu regresso!...
A flor caída continua imóvel,
quieta sobre o musgo verde.



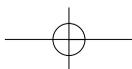
WANG WEI
701-761
China

Um só coração

Amoras vermelhas crescem nas terras do sul,
as gavinhas brotam, com a Primavera.
Vai colher algumas para me oferecer,
como testemunho do teu amor por mim.



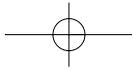
Tradução de António Graça de Abreu



DAMA OTOMO NO SAKANOE
Séc. VIII
Japão

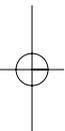
I
Os teus olhos brilham
Como se visses uma nuvem
Suspensa na verde montanha.
Os outros ficam a saber
Que nos amamos.

II
Quando me disseste, "Estarei
Contigo", não vieste.
Que não vens, dizes agora,
Mas vou esperar-te...
Acaso te compreendi?

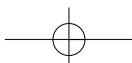


YAMABE NO AKAHITO
Séc. VIII
Japão

Gostaria de estar
Tão próximo de ti
Como a túnica molhada
Do corpo da bailarina.



Tradução inédita de Casimiro de Brito



BAI JUYI
772-846
China

Areia suavemente ondulada

Como comparar teu amor com as marés da foz do rio,
ou um coração feminino com as águas do mar?
Na ausência de ti, melhor esperar o prometido reencontro
nesta saudade de ti, entendo por fim quão pequeno é o oceano.

FUGIWARA NO TOSHIYUKI

890-907

Japão

São mil as ondas
Nas praias de Sumi.
Ao longo da noite
No carreiro dos meus sonhos
Corro em segredo para ti.

Tradução inédita de Casimiro de Brito

FUJIWARA NO ORIKASE

Séc. X

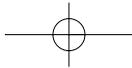
Japão

Desejais saber a intensidade
Do meu amor?
Olhai como as ondas, em Tago,
Se aproximam da costa —
Podeis acaso contá-las?

MURASAKI-SHIKIBU
Séc. X
Japão

Passa alguém na rua...
Enquanto me pergunto
Se és tu quem passa
O luar da meia-noite
Cobre-se de nuvens.

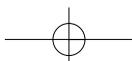
Tradução inédita de Casimiro de Brito



IZUMI-SHIKIBU
Séc. X-1061
Japão

Como é diferente
No canto dos insectos
A voz a melodia —
Em cada coração
É outra a melancolia.

Quando eu morrer
Deixarei completamente a vida
Ou lembrarei ainda
A última vez
Que nos amámos?



IBN HAZM
994-1064
Alandalus

Vieste ao meu encontro
um pouco antes de os cristãos tocarem os sinos,
quando a meia-lua surgia no céu

como a sobancelha de um ancião coberta pelas cãs
ou como a delicada curva da planta do pé.

E, embora ainda fosse de noite,
com a tua vinda brilhou, no horizonte,
o arco-íris
vestido de todas as cores,
como a cauda dos pavões.

Tradução de David Mourão-Ferreira

IBN ZAYDŪN
1003-1071
Alandalus

revi-te ali, em recordação,
límpidos os campos, a terra apetecia,
e como que a mostrar-me compaixão
a brisa da tarde enlanguescia.

do lago do jardim a prata me sorria,
colar em seios rijos nessa hora.
era um dia dos nossos, sensuais d'outrora:
roubávamos a Noite, o Destino dormia.

comprazia-se numa flor o meu olhar,
vergada de orvalho, as pétalas pendentes,
como se lamentasse o meu sonhar
por mim chorando lágrimas luzentes.

na luz do roseiral a rosa resplendia,
dela era o sol na força do meio dia.
um nenúfar fragrante e sonolento
desperto pela alva perfumava o vento.

tudo isto me enche de paixão por ti
e traz turbação ao peito atormentado.
tivesses vindo neste dia aqui
e ele seria para sempre celebrado.

IBN 'AMMAR
1031-1086
Alandalus

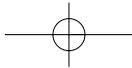
Contemplei a tua lua naquela noite
e obtive a tua fertilidade
em tempo de secura.
Ah, quando a nuvem do teu afecto regava o meu pátio,
e o fazia prosperar,
e a terra do meu jardim estremecia!
E, por uma conduta que mudou a minha conduta;
sem dúvida, se não fosse pelas tuas faces
que deslizam sobre mim
tal como a água sobre o verde ramo,
não juntaria o pássaro do amor à árvore do ódio,
e não protegeria o elogio
da rubra reprimenda.
Mas aludirei ao desdém mencionando a lealdade,
e contentar-me-ei com a lonjura depois de ter estado
perto,
e se me chegasse um vento gelado do teu céu,
exclamaria “Ó frescor da brisa sobre o meu coração!”

Tradução inédita, do castelbano (do estudo introdutório de Salab Jalís), por Manuel Neto dos Santos

AL-MU'TAMID
1040-1095
Aandalus

Acróstico

Invisível a meus olhos,
trago-te sempre no coração
Te envio um adeus feito paixão
e lágrimas de pena com insônia.
Inventaste como possuir-me
e eu, o indomável, que submisso vou ficando!
Meu desejo é estar contigo sempre
oxalá se realize tal desejo!
Assegura-me que o juramento que nos une
nunca a distância o fará quebrar.
Doce é o nome que é o teu
e aqui fica escrito no poema: **Itimad.**



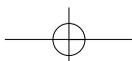
OMAR KHAYYAM
1048-1123
Pérsia

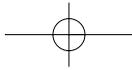
Como é vil o coração que não sabe amar,
que não pode embriagar-se de amor!
Se não amares, como poderás apreciar
a deslumbrante luz do sol e a doce claridade do luar?

Amor que não devaste não é amor.
Uma brasa espalha ainda o calor de uma fogueira?
Noite e dia, durante toda a sua vida,
o verdadeiro amante se consome de dor e de alegria.



Tradução de Fernando Castro

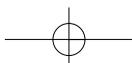




YEHUDÁ HA-LEVÍ
1075-1141?
Navarra

Maravilhosa de ver é esta terra,
Os seus prados cheios de perfume.
Mas aos meus olhos, muito mais agradável
É aquela esbelta, gentil donzela.

Ah, como seria bom acompanhar
O rápido voo do Tempo
Esquecendo que as minhas chaves
Vão envelhecendo.

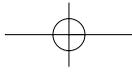


D. SANCHO I
1154-1211
Portugal

Cantiga d'amigo

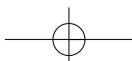
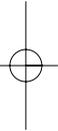
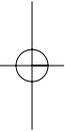
Ai eu coitada!
Como vivo en gram cuidado
por meu amigo
que ei alongado!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ai eu coitada!
Como vivo en gram desejo
por meu amigo
que tarda e non vejo!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!



IBN 'ARABI
1165-1240
Alandalus

Oh Maravilha! Um jardim mesclado com as chamas –
Meu coração chegou a estas formas:
um pasto para gazelas e um convento para monges cristãos,
e um templo para ídolos e peregrinos da Kaaba,
e as tábuas da Tora, e o livro do Corão.
Eu professo a Religião do Amor.
Qualquer que seja o caminho que os camelos tomem,
essa é a minha religião e a minha fé.



IBN SAFAR AL-MARINI
Séc. XII
Alandalus

Quando o sol declinava,
já quase a desaparecer,
fixei-a nos olhos
para que não deixasse de cumprir
a promessa de visitar-me como um sol,
no momento em que a lua, por entre as trevas,
inicia a viagem nocturna.

E veio, então, como a claridade da aurora
a abrir caminho por entre as trevas.

Perfumavam-se os horizontes à minha volta,
anunciando a sua chegada
como o aroma anuncia a flor.

Recorri com beijos a marca dos seus passos
como recorre o leitor as letras de uma linha.

E com ela passei a noite, enquanto a noite
mais ao longe dormia,
e o amor despertava
por entre os ramos do seu tronco,
a duna das suas ancas,
a lua da sua face...

E umas vezes a abraçava,
e outras vezes a beijava,
até que veio separar-nos
o estandarte da madrugada.

Tradução de David Mourão-Ferreira

GIACOMO DA LENTINO
1188-1240
Sicília

Quem pela primeira vez visse o fogo,
Não creia que pudesse queimar –
O seu esplendor parecia um jogo
Que ante seus olhos tivesse lugar.

Mas se lhe tocasse de algum modo,
Que queimava muito iria notar:
O fogo do amor tocou-me um pouco,
Arde e bem. Deus, que em mim se vá ‘spalhar!

E por vós se espalhe, senhora minha,
Que fazeis crer que me tendes amor,
Mas só me dais dor e tormento.

Claro, Amor age de forma mesquinha;
Enquanto ele só vãs palavras for,
A mim, que o sirvo, não dá contentamento.

SA'ADI
1193-1250
Pérsia

Contemplando a Amada

bela é a vida! mas é melhor ainda ao pé das ondas!
bom é o vinho! mas tem mais sabor ao som do rouxinol!
suave é o sono próximo do jasmim em flor!
e doce a flauta que soa junto da amiga perfumada!

dispenso a harpa e as melodias do cantor:
prefiro conversar com a querida amada.

não afastes o olhar da tua amiga fiel
para olhares o prado, ela é mais adorável:
malhas de armadura seus cabelos são,
torcidos, encaracolados, de graça tanta,
mais belos que o ondular de vagas sob o vento.

Sa'adi! estás com a amada sem sofreres com isso?

bom é alcançar-se aquilo que se quer
entregando a alma à sede da procura!

JOÃO AIRAS
Séc. XIII
Galiza

Cantiga d'amigo

Amei-vos sempr'amigo,
e fiz-vos lealdade;
se preguntar quiserdes,
en vossa puridade
saberedes, amigo,
que vos digo verdade,
ou se falar ouverdes
con algun maldizente
e vos quiser, amigo,
fazer al entendente
dizede-lhi que mente,
dizede-lhi que mente.

NUNO FERNANDES TORNEOL
Séc. XIII
Castela

Cantiga d'amigo

Levad', amigo, que dormides as manhãas frias;
todalas aves do mundo d'amor dizian:
leda m'and'eu.

Levad', amigo, que dormide'-las frias manhãas;
todalas aves do mundo d'amor cantavam:
leda m'and'eu.

Toda-las aves do mundo d'amor dizian;
do meu amor e do voss'em ment'avian:
leda m'and'eu.

Toda-las aves do mundo d'amor cantavan;
do meu amor e do voss'i enmentavan:
leda m'and'eu.

Do meu amor e do voss'en ment'avian;
vós lhi tolhestes os ramos en que siian:
leda m'and'eu.

Do meu amor e do voss'i enmentavan;
vós lhi tolhestes os ramos en que pousavan:
leda m'and'eu.

Vós lhi tolhestes os ramos en que siian
e lhis secastes as fontes en que bevia:
leda m'and'eu.

Vós lhi tolhestes os ramos en que pousavan
e lhis secastes as fontes u se banhavan:
leda m'and'eu.

PAIO SOARES TAVEIRÓS

Séc. XIII

Portugal

Cantiga d'amor

Como morreu quen nunca ben
ouve da ren que mais amou
e quen viu quanto receou
d'ela e foi morto por en,
ai mia senhor, assi moir'eu!

Como morreu quen foi amar
quen lhi nunca quis ben fazer
e de que lhe fez Deus veer
de que foi morto con pesar,
ai mia senhor, assi moir'eu!

Com'ome que ensandeceu,
senhor, con gran pesar que viu
e non foi ledo, nen dormiu
depois, mia senhor, e morreu,
ai mia senhor, assi moir'eu!

Como morreu quen amou tal
dona que lhe nunca fez ben
e quem a viu levar a quen
a non valia, nen a val,
ai mia senhor, assi moir'eu!

PERO GONÇALVES DE PORTOCARREIRO

Séc. XIII

Portugal

Cantiga d'amigo

Par Deus, coitada vivo:
pois non ven meu amigo:
pois non ven, que farei?
meus cabelos, con sirgo
eu non vos liarei.

Pois non ven de Castela,
non é viv', ai mesela,
ou mi-o detem el-rei:
mias toucas da Estela,
eu non vos tragerei.

Pero m'eu leda semelho,
non me sei dar conselho;
amigas, que farei?
en vós, ai meu espelho,
eu non me veerei.

Estas dōas mui belas
el mi-as deu, ai donzelas,
non vo-las negarei:
mias cintas das fivelas,
eu non vos cingerei.

RODRIGO EANES REDONDO

Séc. XIII

Portugal

Cantiga d'amigo

De-lo dia, ai amiga,
que nós nos de vós partimos,
fui-se nosco voss'amigo
e, per quanto nós oímos,
amiga, e per quanto vimos,
– queredes que vo-lo diga? –
nunca tan leal amigo
d'amiga vistes, amiga.

U nos partimos chorando,
vós e nós chorando vosco,
e el, mui sen o seu grado,
ouve-s'enton d'ir con nosco,
mais, per quanto eu d'el conhosco,
sempre serei de seu bando
que, enquanto vós chorastes,
nunca el quedou chorando,

Come vós des i chorava
de ora s'apartar soo
e catava-mi el os panos
que eu tragia com doo;
porque chorava? negôo,
mais a min non o negava
e por esto são certa,
amiga, que por vós chorava.

JOÃO LOBEIRA
1233-1285
Portugal

Cantiga d'amor

Senhor genta,
min tormenta
voss'amor em guisa tal
que tormenta
que eu senta
outra non m'é ben, nen mal,
mays la vossa m'é mortal:
Leonoreta,
fin roseta,
bella sobre toda fror,
fin roseta,
non me metta
en tal coisa voss'amor!

Das que vejo
non desejo
outra senhor se vós non,
e desejo,
tan sobejo,
mataria hũu leom,
senhor do meu coraçom:
Leonoreta,
fin roseta,
bella sobre toda fror,
fin roseta,
non me metta
en tal coisa voss'amor!

Mha ventura
en loucura
me meteo de vos amar;
é loucura,
que me dura,
que me non posso en quitar,
ay fremosfera sem par:
Leonoreta,
fin roseta,
bella sobre toda fror,
fin roseta,
non me metta
en tal coisa voss'amor!

MARTIM CODAX
Séc. XIII-XIV
Galiza

Quantas sabedes amar amigo
Treides comig'a lo mar de Vigo
e banhar-nos-emos nas ondas!

Quantas sabedes amar amado
treides comig'a lo mar levado
e banhar-nos-emos nas ondas!

Treides comig'a lo mar de Vigo
e veeremo'lo meu amigo
e banhar-nos-emos nas ondas!

Treides comig'a lo mar levado
e veeremo'lo meu amado
e banhar-nos-emos nas ondas!

PERO MEOGO
Séc. XIII-XIV
Galiza

– Tal vai o meu amigo com amor que lh'eu dei
come cervo ferido de monteiro d'el-rei.

Tal vai o meu amigo, madre, com meu amor
come cervo ferido de monteiro-maior.

E se el vai ferido, irá morrer al mar:
si fará meu amigo, se eu d'el nom pensar.

– E guardade-vos, filha, ca ja m'eu atal vi
que se fezo coitado por guaanhar de mim.

E guardade-vos, filha, ca ja m'eu vi atal
que se fezo coitado por de mim guaanhar.

ZHANG KEJIU
Séc. XIII-XIV
China

Pensamento Primavera

O medo mistura-se ao prazer
enquanto ela sorri ao pensar que vai ao seu encontro
A caminho do lago o orvalho da montanha refresca-lhe as mangas de seda
Quem se habituaria a estas coisas ilícitas?
Somente o receio de faltar ao juramento secreto
leva com passos cautelosos ao quiosque de perfumes de brocado
Espreita, procura nos ruídos do vento
esconde-te à espera do amor perfumado
Ao pé do muro branco uma flor brinca com a sua sombra
Sob as persianas vermelhas o brilho disfarçado da lua
Docemente
com um sopro, a lâmpada apaga-se

D. DINIS
1261-1325
Portugal

Nom chegou, madr', o meu amigo
e oj'est o prazo saído.

Ai, madre, moiro d'amor!

Nom chegou, madr', o meu amado
e oj'est o prazo passado.

Ai, madre, moiro d'amor!

E oj'est o prazo saído!
Por que mentiu o desmentido?

Ai, madre, moiro d'amor!

E oj'est o prazo passado!
Por que mentiu o perjurado?

Ai, madre, moiro d'amor!

Porque mentiu o desmentido,
pesa-mi, pois per si é falido.

Ai, madre, moiro d'amor!

Porque mentiu o perjurado,
pesa-mi pois mentiu a seu grado.

Ai, madre, moiro d'amor!

DANTE ALIGHIERI
1265-1321
Florença

Parece tão gentil, tão recatada,
minha senhora quando alguém saúda,
que toda a língua treme e fica muda
e olhá-la até seria ideia ousada.
Quando ela passa, ouvindo-se louvada,
benignamente a humildade a escuda,
tal uma cousa que do céu acuda
à terra, por milagre revelada.
Tal graça ao coração de quem na mira
Está pelos olhos uma doçura a pôr
que não pode entender quem a não prove;
e dos lábios parece que se move
um espírito suave e só de amor
que vai dizendo à alma assim: Suspira.

D. AFONSO SANCHES
1289-1329
Portugal

Cantiga d'amor

Estes que m'ora tolhem mha senhor
que a non poss'aqui per rrem veer,
mal que lhes pês, non mh a podem tolher
que a non veja sen nen hũu pavor,
ca morrerey e tal tempo verrá
que mha senhor fremosa morrerá;
enton a verey; des i sabedor

Soom d'atanto, par Nostro Senhor,
que, se lá vir o sseu bem parecer,
coita nem mal outro non poss'aver
eno inferno, sse con ela for;
des y ssey que os que jazen alá
nen hun d'eles já mal non sentirá
tant'averan de a catar sabor!

FRANCESCO PETRARCA
1304-1374
Toscânia

Quando sobre céu, terra e vento, desce a paz,
E as aves e as feras o sono serena,
E a noite o carro de estrelas plo céu leva
E em seu leito o mar sem ondas jaz,

Velo, penso, ardo, choro, e quem sofrer me faz,
Sempre à frente vejo na minha doce pena.
Minha alma em guerra vive, de dor e ira plena,
E só pensando nela tenho alguma paz.

Só uma clara e viva nascente, assim,
Acalma a doce amargura, alimento meu.
Uma única mão me cura e apoquentá.

Pois este sofrimento não irá ter fim.
Mil vezes num dia, morro e renasço eu:
E a minha salvação tão longe se apresenta.

KOUO YU
1316-1368?
China

Longa Nostalgia

Penso longamente...
Mas onde vais meu pensamento?

Desde que ele me deixou para ir montar a cavalo,
Noite após noite eu choro na alcova deserta.
No espelho de jade, ao amanhecer, espio as minhas sobrancelhas como antenas;
Masgoastes-me, mas só a vós eu amo.
Neste Outono a água do lago transbordou; brancas estão as flores de lótus.
O meu coração está ferido, o sol põe-se, voa um casal de patos.
Para vós, semeei e depois colhi a úsnea.
No frio, a glicínia alonga-se pelos ramos dos pinheiros sombrios.
Para vós, guardei a almofada bordada de coral.
Os traços das minhas lágrimas secaram, nasceram teias de aranha.
Quem ama jamais terá medo de cabelos brancos;
Mas porque é que eu não posso acompanhar-vos sempre?

A chuva e o vento assobiam;
Cocoricó, cantam os galos!
... Mas onde vais meu pensamento?
Ao encontro daquele que eu vi num sonho.

ALFONSO ÁLVAREZ DE VILLASANDINO

1345?-1425

Castela

Des que de vós me parti,
lume destes olhos meus,
por la fé que devo a Deus,
já mais prazer nunca vi;
tan graves cuitas sofri,
sofr' e atendo sofrer
que, pois non vos posso ver,
non sei que seja de mi.

Choran con gran soedade
estes meus olhos cativos;
mortos son, pero andan vivos,
manteendo lealdade;
senhora, gran crueldade
fazedes em olvidar
a quen non lhe praz mirar
se non vossa gran beldade.

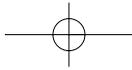
Meus olhos andan mirando
noite e día a todas partes,
buscando por muitas artes
como non moira penando,
mais meu corazón pensando
non lhes quer dar prazer;
por vos sempre obedecer
eles non cessan chorando.

RUI GONÇALVES
Séc. XV
Portugal

Cantiga

Que de meus olhos partais,
em qualquer parte qu'esteis,
em meu coraçam ficais
e nêle vos converteis.

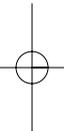
Est'é o vosso lugar,
em que mais certa vos vejo,
porque nam quer meu desejo
que vos d'i possais mudar.
E por isso, que partais,
em qualquer parte qu'esteis,
em meu coraçam ficais,
pois nêle vos converteis.



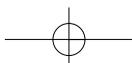
JANUS PANNONIUS
1434-1472
Hungria

Sobre Inês

Inês, meu amor, quando teus olhos contemplo,
penso ver neles duas estrelas;
de longe as mais belas em todo o firmamento,
Vênus semelham com Júpiter resplandecente,
ou Sírio, por astros imóveis rodeado,
se, com Arcturo, cintila nos seus raios.



Tradução de Ernesto Rodrigues



GIL VICENTE
1465-1536
Portugal

Agravos de Colopêndio

Pois Amor o quis assi,
que meu mal tanto me dura,
não tardes triste ventura,
que a dor não se doi de mi,
e sem ti não tenho cura.

Foges-me, sabendo certo
que passo perigo marinho,
e sem ti vou tão deserto
que, quando cuido que acerto,
vou mais fora de caminho.
Porque tais carreiras sigo,
e com tal dita naci
nesta vida, em que não vivo,
que eu cuido que estou comigo,
e ando fora de mi.

Quando falo, estou calado;
quando estou, entonces ando;
quando ando, estou quedado;
quando durmo, estou acordado;
quando acordo, estou sonhando;
quando chamo, então respondo;
quando choro, entonces rio;
quando me queimo, hei frio;
quando me mostro, me escondo;
quando espero, desconfio.

Não sei se sei o que digo,
que cousa certa não acerto;
se fujo de meu perigo,
cada vez estou mais perto
de ter mor guerra comigo.
Prometem-me uns vãos cuidados
mil mundos favorecidos,
com que serão descansados;
e eu acho-os todos mudados
em outros mundos perdidos.

Já não ousa de cuidar,
nem posso estar sem cuidado;
mato-me por me matar,

onde estou não posso estar
sem estar desesperado.
Parece-me quanto vejo
Tudo triste com razão:
cousas que não vem nem vão
essas são as que desejo,
e tôdas pena me dão.

Eu remédio não no espero,
porque aquela, em que me fundo,
pera mi, que tanto a quero,
tem o coração de Nero
pera me tirar do mundo.

(Tragicomédia *Romagem de Agravados*)

MICHELANGELO BUONARROTI
1475-1564
Toscânia

Se pelo olhar o coração se vê,
não tenho outro sinal mais manifesto
da minha chama; e só por tal aspecto
merecerei, senhor, tua mercê.

Teu espírito, talvez, com maior fé
da que imagino, ao ver o fogo honesto
que tão alto arde em mim... piedoso e presto
a graça que te peço enfim me dê.

Oh, feliz esse dia, se isto é certo!
E pare então o tempo, e o sol no céu,
e das horas os tão antigos passos,

até que eu possa ter, mesmo sem mérito,
o doce e desejado senhor meu
para sempre entre os meus indignos braços!

Tradução de David Mourão-Ferreira

DIOGO BRANDÃO
Séc. XV-1530
Portugal

Esparsa em Acróstico

Do grande mal que causaram
Os olhos, quando vos viram,
Nestes dias o pagaram
Afora quando partiram.

Vida que assim atormenta
Ia melhor se perderia,
O penar que se acrescenta
Ledo morrer me faria.
As lágrimas que se dobraram
No coração se sentiram:
Todas meus olhos choraram
Em vendo que não nos viram.

JOÃO ROIZ DE CASTELO BRANCO
Séc. XV-XVI
Portugal

Cantiga, Partindo-se

Senhora, partem tam tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partida,
tam cansados, tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.

Partem tam tristes os tristes,
tam fora d'esperar bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

SÁ DE MIRANDA
1481-1558
Portugal

Quando eu, senhora, em vós os olhos ponho,
e vejo o que não vi nunca, nem cri
que houvesse cá, recolhe-se a alma a si,
e vou tresvaliando, como em sonho.

Isto passado, quando me desponho,
e me quero afirmar se foi assi,
pasmado e duvidoso do que vi,
m'espanto às vezes, outras m'avergonho.

Que, tornando ante vós, senhora, tal,
quando m'era mister tant'outr'ajuda,
de que me valerei, se alma não val?

Esperando por ela que me acuda,
e não me acode, e está cuidando em al,
afronta o coração, a língua é muda.

BERNARDIM RIBEIRO
1482-1552
Portugal

Lembre-vos quão sem mudança,
Senhora, é meu querer,
perdida toda esperança;
e de mim vossa lembrança
nunca se pode perder.
Lembre-vos quão sem por quê
desconhecido me vejo;
e, com tudo, minha fé
sempre com vossa mercê,
com mais crecido desejo.

Lembre-vos que se passaram
muitos tempos, muitos dias,
todos meus bens se acabaram,
com tudo, nunca mudaram;
querer-vos, minhas porfias.
Lembre-vos quanta razão
tive pera esquecer-vos,
e sempre meu coração,
quanto menos galardão,
tanto mais firme em querer-vos.

Lembre-vos que, sem mudar
o querer desta vontade,
me haveis sempre de lembrar,
té de todo me acabar,
vós e vossa saudade.
Lembre-vos como pagais
o tempo que me deveis,
olhai quão mal me tratais:
Sam o que vos quero mais,
o que menos vós quereis.

Lembre-vos tempo passado,
não porque de lembrar seja,
mas vereis quão magoado
devo de ser c'o cuidado
do que minha alma deseja.
Lembre-vos minha firmeza,
de vós tão desconhecida,
lembre-vos vossa crueza,
junta com minha tristeza,
que nunca foi merecida.

Lembre-vos que se quiséreis,
assi como consentistes
nestes meus males, fizéreis
com o menos que pudéreis
não serem meus dias tristes.
Lembre-vos quão mal tratado
lembranças vossas me trazem;
eu sempre menos mudado,
quando mais desesperado
vossas mostranças me fazem.

Lembre-vos a quão má vida
tenho, por bem vos querer;
esta dor faz mais crecida
não vos ver arrependida
de mo assi desconhecer.
Lembre-vos, minha senhora,
que, por já me verdes vosso,
mostrais que vos desnamora
procurar ver-vos cada hora,
o que eu escusar não posso.

Lembre-vos que nem por isso
minha fé vereis mudada,
o que está craro e bem visto,
pois cousas mores naquisto
tiveram forças de nada.
Lembre-vos que outra mercê
de mim nunca foi pedida,
senão só que minha fé,
pois tinha causa por quê,
fosse de vós conhecida.

Nestes dias dezimados,
lembre-vos com quanta pena
hão-de viver meus cuidados,
sendo já desesperados,
vendo que nada os condena.
Lembre-vos que vida tal
nunca vo-la mereci;
olhai bem em quanto mal
me pagais o ser leal
c'o tempo que vos servi.

CONDE DO VIMIOSO
1483?-1549
Portugal

Meu amor, tanto vos amo,
que meu desejo nam ousa
desejar nenhũa cousa.

Porque se a desejasse,
logo a esperaria,
e se eu a esperasse
sey que vos anojaria:
mil vezes a morte chamo,
e meu desejo nam ousa
desejar-me outra cousa.

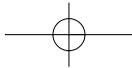
ANÓNIMO
Séc. XVI
Portugal

D'amor escrevo, d'amor trato e vivo,
d'amor me naçe amar sem ser amado,
d'amor padeço lembrança d'ũ cuidado,
de quẽ o mesmo amor me faz cativo.

D'amor perfeito, justo, brando, altivo,
d'amor leal, d'amor dezenganado,
d'amor que pôde tanto em todo estado
me vem padeçer en hũ amor esquivo.

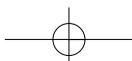
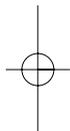
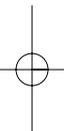
Dezamor he quẽ faz tanta mudança,
que amor sempre custuma ser cõstante
nas partes que pertende a fé que trata.

Aqui nada aproveyta que esperança
se em parte dá prazer ao triste amante,
nas mais lhe dá pesar e ao longe o mata.



CRISTÓVÃO FALCÃO
1515-1553/7
Portugal

Meu coração, vós abristes
caminho a meus cuidados,
pera virem ser banhados
na ágoa de meus olhos tristes,
tristes, mal galardoados.
Necessário é que vamos
algum remédio buscar
para se a vida acabar:
êste o bem que dessejamos,
êste o nosso dessejar.



DIOGO BERNARDES
1520-1605
Portugal

Um firme coração posto em ventura,
Um desejar honesto, que s'enjeite
De vossa condição, sem que respeite
A meu tão puro amor, a fé tão pura;
Um ver-vos, de piedade e de brandura
Imagem sempre, faz-me que sospeite
Qu'alguma brava fera vos deu leite,
Ou que naceste d'ũa pedra dura.
Ando buscando causa que desculpe
Cruza tão estranha; porém, quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata,
Donde vem que não há quem nos não culpe:
A vós, porque matais quem vos quer tanto;
A mim, que tanto quero a quem me mata.

JOANA DA GAMA
1520?-1586
Portugal

Romance

Onde acharei sofrimento
para vida tão penada?
não me deixa meu tormento
com a dor desesperada;
tem-me feito tanto dano
que me tem a alma chagada;
no meio do coração
tristeza aposentada;
não lhe posso fugir, não,
que comigo vai pegada;
têm-me as potências somadas
que me não servem de nada;
nenhuma cousa de gosto
em mim pode ter entrada;
se alguma hora prazer vejo
faz-me ser mais enojada;
mil gritos dão meus sentidos
quando eu estou calada.

PÊRO DE ANDRADE CAMINHA
1520?-1589
Portugal

De Amor escrevo, de Amor falo e canto;
E se minha voz fosse igual ao que amo,
Esperara eu sentir na que em vão chamo
Piedade, e na gente dor e espanto.

Mas não há pena, ou língua, ou voz, ou canto
Que mostre o amor por que eu tudo desamo,
Nem o vivo fogo em que me sempre inflamo,
Nem de meus olhos o contínuo pranto.

Assim me vou morrendo, sem ser crida
A causa por que em vão mouro contente,
Nem sei se isto que passo é vida ou morte.

Mas inda da que eu amo fosse ouvida
E crida minha voz, e da vã gente
Nunca entendida fosse minha sorte.

OLIVIER DE MAGNY
1524-1561
França

Eu amo-a muito, pelo olhar formoso
E as sobrancelhas de igual negra cor;
E o colo de marfim; e o doce olor
No respirar; e o riso tão gracioso.

Eu amo-a muito pelo que, espaçoso,
Em glória pousa em sua frente Amor;
Pela memória sua que é fervor,
E por seu esprito o mais industrioso.

Eu amo-a muito, pelo que é de humana,
Por seu vasto saber que não se engana,
E por não ser avaro o peito dela.

Mas que me faz amá-la de amor tal
É que jamais se esquece de meu mal,
E que, quando me apraz, durmo com ela.

Tradução de Jorge de Sena

PIERRE DE RONSARD
1524-1585
França

Beija-me, minha amante, beija-me mais, estreita-
-me, bafo contra bafo, e aquece-me esta vida,
dá-me assim beijos mil e mais mil de seguida,
amor quer tudo inúmero, amor leis não aceita.

Beija e beija outra vez, ó boca tão perfeita,
porque te hás-de guardar, sendo em livor jazida,
pra beijar (de Plutão a dama ou a válida)
sem coração, nem já imagem que deleita?

De teus beijos de rosa em vida me cobrindo,
balbucia a beijar-me, a boca entreabrindo,
mil sons a entrecortar, morrendo entre meus braços.

Eu morrerei nos teus, e, tu ressuscitada,
eu ressuscitarei, juntemos nossos passos:
o dia mesmo curto é mais do que a noitada.

LUÍS DE CAMÕES
1525?-1580
Portugal

Amor é um fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

ANTÓNIO FERREIRA
1528-1569
Portugal

Se meu desejo só é sempre ver-vos,
Que causará, senhora, que em vos vendo
Assim me encolho logo, e arrependo,
Que folgaria então poder esquecer-vos?

Se minha glória só é sempre ter-vos
No pensamento meu, porque em querendo
Cuidar em vós, se vai entristecendo?
Nem ousa meu esp'rito em si deter-vos?

Se por vós só a vida estimo, e quero,
Como por vós a morte só desejo?
Quem achará em tais contrários meios?

Não sei entender o que em mim mesmo vejo,
Mas que tudo é amor, entendo, e creio,
E no que entendo, e creio, nisso espero.

S. JOÃO DA CRUZ
1542-1591
Espanha

Chama de Amor Viva

Ó chama de amor viva
que ternamente feres
o centro de minh'alma mais profundo!
Pois já não és esquiva,
acaba já, se queres,
rompe-me o véu deste prazer jucundo.

Ó cautério suave!
Ó saborosa chaga!
Ó branda mão! Ó toque delicado,
de todo o eterno a chave
que dúvidas apaga!
Matando, a morte em vida me hás trocado.

Ó lâmpadas de fogo
em cujos resplandores
as profundas cavernas do sentido
que estava obscuro, logo,
com estranhos primores
calor e luz dão junto ao seu Querido!

Quão manso e amoroso
te acordas em meu seio,
onde secretamente só tu moras:
com teu sopro gostoso,
de bens e glória cheio,
quão delicadamente me enamoras!

Tradução de Jorge de Sena

EDMUND SPENSER
1552-1599
Reino Unido

Escrevi o nome dela na areia

Escrevi o nome dela na areia,
Mas as ondas o apagaram logo:
'screvi outra vez, veio a maré-cheia,
Triste o vi desaparecer de novo.
"Homem vão," disse ela, "em vão tentando
Imortalizar o que é mortal.
Eu própria a isto chegarei quando
Meu nome se apagar por igual."
"Não," disse eu, "o que é vil, é natural
Desfazer-se em pó, tu serás eterna –
Meus versos dar-te-ão um pedestal
Para que teu nome no céu se escreva.
Enquanto a morte vence toda a gente,
Nosso amor nova vida nos dará pra sempre."

WALTER RALEIGH
1552-1618
Reino Unido

A Resposta da Ninfa ao Pastor

Se jovem fosse toda a gente e o amor,
E a verdade na boca de cada pastor,
Cada um destes prazeres me levaria
A ir ser teu Amor em tua companhia.

Mas ao redil o Tempo recolhe o rebanho,
Quando o rio brame e esfria o rochedo,
É quando Filomela fica como os mudos
E o resto se lamenta de cuidados futuros.

Murcham as flores, e o viço campestre
Ao indócil Inverno logo se submete:
Uma língua de mel, coração sem amor,
Primavera de desejo, Outono de dor.

Os teus vestidos, sapatos, canteiros de rosas,
Tua boina, saia, flores preciosas,
Breve quebram e murcham – esquecidas são,
A loucura é completa, perde-se a razão.

Teu cinto de palhinhas e rebentos de hera,
Tuas fivelas de coral e botões de âmbar –
Entre todos eles nenhum me levaria
A ser teu Amor em tua companhia.

Se se fosse jovem e o amor gerasse sempre,
Alegrias sem data, velhice não carente,
Por estes prazeres, minha alma decidia
Ir ser o teu Amor em tua companhia.

Tradução de António Simões

BALASSI BÁLINT
1554-1594
Hungria

*Mal se Enamora de Célia,
Suplica-lhe que Sobre Ele Lance um Olhar Piedoso,
Acolhendo-o no Seu Amor e nas Suas Boas Graças*

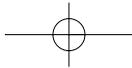
Mundo de meus olhos, da minha vida luz,
meu coração, amor, alma,
cujos modos, nome, palavras, belo porte
trazem à minha memória
velho e grande amor, que virou aflição,
toma-me em teu amor!

Ansiado bem, meu tesouro, com que alegria
polvilho vida orfã?
Quem só de ti vive, sendo a morte sem ti,
só de ti a graça espera,
quando detestas quem te olha e vigia
e ama mais do que a si.

Ao amanhecer enfeitam-se árvores, flores, ervas,
o Sol no orvalho se ergue,
corre a voz bela das aves, passeiam feras,
de madrugada, alegres,
o verde arbusto renasce, porém, comigo
só cuidar, pesar, perigo.

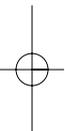
PHILIP SIDNEY
1554-1586
Reino Unido

Meu amor tem meu coração, eu tenho o seu,
Em troca justa, um pelo outro estão.
O meu está com ele, em mim o que ele me deu,
Nunca se arranjou uma melhor transacção.
Seu coração em mim os dois une agora,
Nele, o meu guia sentidos e pensamento;
Ele ama meu coração que foi seu outrora,
Acarinho o seu porque em mim tem aposento.
Foi ao vê-lo que o seu coração feriu,
Meu coração foi frito pla sua ferida;
Dele ferido, a sua dor reacendi,
E assim em mim sua dor faz mais dorida.
 Ambos fritos, a troca ventura nos deu:
 Meu amor tem meu coração, eu tenho o seu.

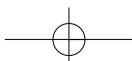


TORQUATO TASSO
1544-1595
Itália

Vida da minha vida,
tu me pareces azeitona pálida,
ou bem uma rosa esquálida,
mas de beleza és diva,
e em qualquer modo sempre me és querida,
ou anelante, ou esquiva;
e quer fujas, quer sigas,
suavemente me destróis e obrigas.



Tradução de Jorge de Sena



MICHAEL DRAYTON
1563-1631
Reino Unido

Se nada o pode evitar, demos então
Um beijo de adeus; nada mais terás de mim,
'stou feliz, sim, feliz de todo o coração
Pla completa libertação que tive assim.
Apertando as mãos, esqueçamos cada jura;
Ao vermo-nos de novo, seja quando for,
Nenhum de os nossos rostos se transfigura
Com o pouco que resta de nosso amor.
Quando o Amor o último suspiro exala,
Quando, ele sem pulso, a Paixão fica silente,
Quando a Fé junto ao leito de morte se instala,
Inocência fecha-lhe os olhos finalmente.
Se tu quisesses, quando tudo o quis 'squecer,
Da morte prà vida o havias de trazer.

Tradução de António Simões

CHRISTOPHER MARLOWE
1564-1593
Reino Unido

O Pastor Apaixonado para o Seu Amor

Vem viver comigo e sê o meu Amor,
Todos os prazeres teremos ao dispor,
Os que vales, colinas e campos nos dão,
E as montanhas rochosas sem excepção.

Lá nos rochedos a gente depois se senta,
Enquanto o pastor o rebanho apascenta
Junto de os ribeiros ao som dos quais,
Melodiosas aves cantam madrigais.

E hei-de arranjar-te canteiros de rosas,
Milhares de ramos de flores olorosas,
Uma touca de flores e mais uma saia,
Com folhas de mirto toda à volta bordada.

De a mais pura lã far-se-á um vestido,
Com o fio dos nossos cordeirinhos tecido;
E para o frio, uns sapatos bem forrados,
Com fivelas do mais puro ouro adornados.

Um cinto de palhinha e rebentos de hera,
Com fivelas de coral e botões de âmbar;
E se cada prazer de teu agrado for,
Vem viver comigo e ser o meu Amor.

Cantando e dançando, pastores hás-de ter
Nas manhãs de Maio, para o teu prazer:
Se a isto tua alma não se vai opor,
Então vive comigo e sê o meu Amor.

WILLIAM SHAKESPEARE
1564-1616
Reino Unido

Soneto XVIII

Comparar-te a um dia de Verão?
Tu és mais formoso e mais ameno:
Ventoso o mês de Maio e não sereno
E o Estio é de curta duração.
Ora quente como brasa o sol fulgura,
Ora se lhe escurece a tez dourada,
Quem é formosa perde a formosura
Plo destino ou natura despojada.
Mas teu eterno V'rao não perde o brilho,
Nem perde a beleza que é só tua:
Da morte nunca seguirás o trilho –
Teu ser meu verso eterno perpetua:
 Enquanto olhos houver que o possam ler
 Este soneto te fará viver.

Tradução inédita de António Simões

JOHN DONNE
1571/2-1631
Reino Unido

Bom-Dia

'Té nos amarmos, que fizemos tu e eu?
'Inda não desmamados, rústicos prazeres
Sugávamos inocentes? Ou, ressonando,
Ficámos na caverna dos sete mártires?
Mas todo o prazer, menos este, é fantasia,
E toda a beleza que eu então vi,
Cobicei, tive, era apenas sonho de ti.

Bom dia então às nossas almas despertas
Que não se contemplam uma à outra, por temor;
Pois o amor, o amor de outras visões comanda,
De um pequeno espaço faz um muito maior.
Descubram os navegadores novos mundos,
Dos mundos d'outros mundos os mapas dêem fé,
Tenhamos um mundo: cada um, um tem e é.

Meu rosto em teu olhar, o teu no meu presente,
Corações verdadeiros aos rostos assomam.
Onde é que haverá melhores hemisférios,
Sem o Norte cortante e o brando Oeste?
Morre-se quando a mistura é desigual –
Se os nossos amores são um único ser,
Nenhum de nós esmorece ou pode morrer.

BEN JONSON
1572-1637
Reino Unido

Canção: Para Celia

Brinda-me só com teus olhos,
Eu com os meus te saúdo;
Ou deixa um beijo no copo:
Não é vinho que eu procuro.
Pede bebida divina
A sede que vem da alma;
Só que o néctar de Zeus
Pelo teu eu não trocava.
Mandei grinalda de rosas,
Não tanto pra te agradar:
Na esperança que ao pé de ti
Nunca viesse a murchar.
Eis que tu, mal a cheiraste,
A devolveste, ligeira;
Não é a si própria, não,
É a ti que ela cheira.

Tradução de António Simões

FRANCISCO DE QUEVEDO
1580-1645
Espanha

Amor Constante Para Além da Morte

Pode fechar-me os olhos a derradeira
sombra que de mim leva o branco dia,
e livrar de tudo o que prendia
a alma ansiosa, a hora que se abeira;

mas não deixará na margem da ribeira
a memória dos sítios onde ardia:
minha chama nada na água fria
e a dura lei enfrenta altaneira.

Alma de que todo um deus foi prisão,
veias onde tanto fogo foi gerado,
medulas em gloriosa combustão:

o corpo deixará, não seu cuidado;
cinzas hão-de ser, mas com coração;
serão pó, sim, mas pó apaixonado.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO
1580-1622
Portugal

Que amor sigo? Que busco? Que desejo?
Que enleo é este vão da fantasia?
Que tive? Que perdi? Quem me queria?
Quem me faz guerra? Contra quem pelejo?

Foi por encantamento o meu desejo,
e por sombra passou minha alegria;
mostrou-me Amor, dormindo, o que não via,
e eu ceguei do que vi, pois já não vejo.

Fez à sua medida o pensamento
aquela estranha e nova fermosura
e aquele parecer quase divino.

Ou imaginação, sombra ou figura,
é certo e verdadeiro meu tormento:
Eu morro do que vi, do que imagino.

GEORGE HERBERT
1593-1633
Reino Unido

Amor (III)

Amor deu-me as boas vindas; minha alma então
Recuou: sentia-se suja e em pecado.

Amor que tudo vê, viu minha frouxidão
Depois de eu ter entrado.

Aproximou-se mais, perguntou docemente
De que estava eu carente.

"De um convidado," respondi, "que fosse digno."
Amor disse: "Esse, tu serás."

"Eu, o rude e ingrato? Ah, meu querido,
Eu não consigo olhar-te."

Amor pegou-me na mão, sorrindo respondeu:
"Quem fez os olhos senão eu?"

"Verdade, senhor; mas eu os manchei; que a vergonha
Esteja comigo, como eu mereço."

"E tu não sabes," diz Amor, "de quem é a culpa?"
"Meu querido, então eu obedeço."

"Senta-te," diz Amor, "minha carne prova aqui."
Então, eu sentei-me e comi.

SOROR VIOLANTE DO CÉU
1602-1693
Portugal

Amor, se uma mudança imaginada,
É já com tal rigor minha homicida,
Que será se passar de ser temida
A ser, como temida, averiguada?

Se só por ser de mim tão receada,
Com dura execução me tira a vida,
Que fará se chegar a ser sabida?
Que fará se passar de suspeitada?

Porém se já me mata, sendo incerta,
Somente imaginá-la e presumi-la,
Claro está (pois da vida o fio corta),

Que me fará depois, quando for certa:
– Ou tornar a viver, para senti-la,
Ou senti-la também depois de morta.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO
1608-1666
Portugal

Escusa-se ao Céu com a causa do seu delírio

Pois se para os amar não foram feitos,
Senhor, aquêles olhos soberanos,
Porque, por tantos modos, mais que humanos,
Pintando os estivestes tão perfeitos?

Se tais palavras e se tais conceitos,
Tão divinas, tão longe de profanos,
Não destes por oráculo aos enganos,
Com que Amor vive nos mais altos peitos,

Porque, Senhor, tanta beleza junta,
Tanta graça e tal ser lhe foi deitado,
Qual ídolo nenhum gozara antigo?

Mas como respondeis a esta pergunta?
Que ou para desculpar o meu pecado,
Ou para eternizar o meu castigo?

ANTÓNIO BARBOSA BACELAR
1610-1663
Portugal

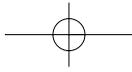
A Uma Ausência

Sinto-me sem sentir todo abrasado
No rigoroso fogo, que me alenta,
O mal, que me consome, me sustenta,
O bem, que me entretém, me dá cuidado;

Ando sem me mover, falo calado,
O que mais perto vejo, se me ausenta,
E o que estou sem ver, mais me atormenta,
Alegro-me de ver-me atormentado:

Choro no mesmo ponto, em que me rio,
No mor risco me anima a confiança,
Do que menos se espera estou mais certo;

Mas se de confiado desconfio,
É porque entre os receios da mudança
Ando perdido em mim, como em deserto.



ANNE BRADSTREET
1612-1672
Reino Unido

Ao Meu Querido e Adorado Marido

Se dois já foram um só, nós o fomos, sim.
Se um homem foi amado, foste-o tu por mim.
Se alguma de vós foi feliz com seu marido,
Nenhuma ousará comparar-se comigo.
Teu amor vale mais que o ouro reluzente,
Ou todas as riquezas vindas do oriente.
Não há rios que saciem paixão tão intensa,
Só do teu amor me pode vir recompensa.
Tão grande é teu amor que o meu empalidece,
Que os céus te dêem tudo, eis a minha prece.
Que nunca em nossa vida esmoreça o amor,
Mortos, viveremos se ele vivo for.

